

**MEDICINA ENTRE FLORES:
A CRENOTERAPIA E OS MÉDICOS DE CAXAMBU NO SÉCULO XIX**

*Paulo Paranhos **

Resumo: *As águas medicinais de Caxambu e sua utilização por médicos crenólogos no século XIX.*

Abstract: *The medicinal waters of Caxambu and its use by physicians in the nineteenth century crenologos.*

Introdução

A água é utilizada como método terapêutico desde as mais remotas épocas e, de acordo com a tradição oral, seus efeitos curativos eram atribuídos à boa vontade de espíritos, deuses ou ninfas. Hércules, por exemplo, foi um deus grego que exerceu, segundo a mitologia, a maior influência nas propriedades benéficas das águas que purificavam a alma, eliminando humores maléficos.

Ao longo do tempo, e os romanos foram os principais articuladores dessa prática, a hidroterapia difundiu-se em diversas partes do mundo, atraindo enfermos, e a cidade de Caxambu aqui retratada não fugiu à regra; porém essa prática baseava-se no mais das vezes num caráter místico, em alguma crença religiosa e não nos ditames da pesquisa científica, da palavra da Ciência e de abalizados cientistas.

Assim é que, a partir de estudos mais aprofundados realizados em Carlsbad, em Aix-les-Bains, em Vichy, em Wiesbaden e tantas outras expressivas fontes europeias, um grande número de pesquisadores passou a dedicar-se à hidrologia, estabelecendo seus princípios científicos, aplicando e sistematizando a utilização das águas minerais como fonte de cura para diversas enfermidades.

Desta forma, puderam, inclusive, chegar à conclusão que água mineral seria aquela água natural que se diferencia de tal modo da média das águas que a hidroterapia se ocupa das suas aplicações externas sobre o corpo humano com finalidades terapêuticas. Assim, surgiu a Crenologia, que, segundo Benedictus

Mourão, *abrange o conhecimento e o estudo das águas mineromedicinais em suas aplicações práticas, na prevenção e tratamento de várias entidades mórbidas.*¹ Intimamente a ela relacionada encontra-se a Crenoterapia, *método terapêutico baseado no uso das águas mineromedicinais e de seus gases espontâneos, da água do mar, de lama terrestre e marinha, em estabelecimentos dotados de equipamentos especializados.*² Remédio indicado pelos especialistas, as águas minerais constituem um grande recurso em uma série de moléstias crônicas. Para que sua ação, porém, possa ser completa sobre o organismo, convém subordiná-las a modalidades terapêuticas que a evolução hidrológica tem imposto, adotando uma gama de aparelhos, cuja influência sobre os órgãos e tecidos determinam uma alteração patológica do organismo.

O Brasil conta com um número invejável de locais destinados, não só à crenoterapia, como também à prática da balneoterapia. Além do caso descrito neste artigo, encontramos semelhantes aplicações terapêuticas em Araxá, Lambari, Poços de Caldas, todas em Minas Gerais; além de Caldas Novas, em Goiás; Águas de Viçosa, em Alagoas; Águas do Prado, no Rio Grande do Sul e tantas outras.

Os recursos minerais, incluindo aí as águas minerais, foram sempre objeto de preocupação das constituições brasileiras, tornando seus municípios áreas de segurança nacional, sendo, inclusive, os prefeitos de tais cidades indicados pelo governo federal e todas as ações pensadas para a melhoria ou o maior desenvolvimento da crenoterapia passavam, necessariamente, pelas instâncias federais. Na realidade, até a década de 1950, em que as águas minerais constituíam importantes fontes de cura, o conceito de água mineral e termal estava intrinsecamente relacionado aos seus efeitos medicamentosos, tanto no Brasil como em países que também seguiam a concepção latina do termalismo, nos precisos ensinamentos de Silvia Helena Serra.³

Somente a partir de 1985, por determinação do artigo 2º, da Emenda Constitucional nº 25, de 15 de maio, com a recuperação da autonomia política das estâncias hidrominerais, é que os prefeitos eleitos desencadearam um movimento de apoio ao turismo-saúde com o apoio da Sociedade Brasileira de Termalismo e que vem sendo posto em prática na maior parte das estâncias hidrominerais, notadamente nos estados de Minas Gerais e São Paulo.

Este artigo pretende mostrar a importância da crenoterapia na cidade de Caxambu, Minas Gerais, e relevar aqueles médicos que pioneiramente prescreveram as águas minerais como agentes de complementação às diversas enfermidades que se lhes apresentavam.

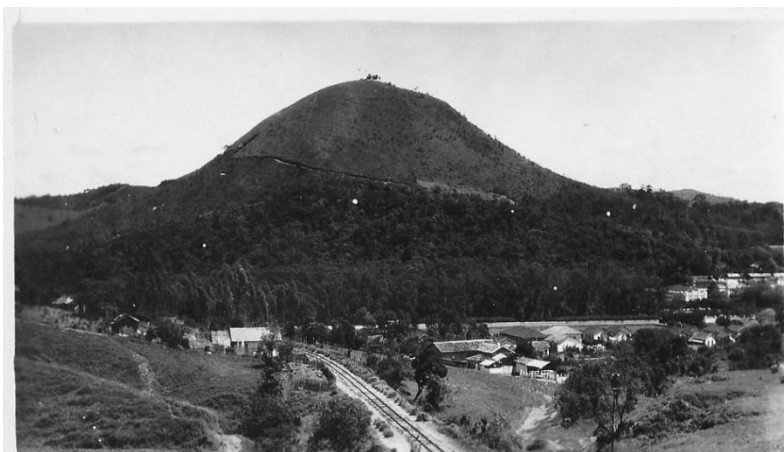
As origens de Caxambu

Considerada a principal estância hidromineral do país, pela quantidade de fontes de água com propriedades químicas diferentes, Caxambu foi desbravada no século XVIII por bandeirantes que seguiam o curso do rio Verde em direção às minas de ouro atravessando por Baependi e alcançando o rio Grande, através da trilha deixada pioneiramente na Mantiqueira por Jacques Felix.

Um importante estudo do Prof. Leonel Junqueira⁴ dá conta de que, em 1675, o bandeirante Lourenço Castanho Taques subiu a região do Embaú e atrás dele, logo a seguir, teria vindo Matias Cardoso de Almeida, além de seus dois filhos, e Borba Gato que, atravessando a mesma passagem, teriam avançado por Passa Quatro e chegado a um sítio que denominaram de Pouso Alto, rumando, posteriormente, para Baependi.

Segundo a tradição, em uma parte desse mesmo caminho – denominado Caminho Velho das Minas Gerais - por aí também teria passado a bandeira de Fernão Dias Paes, assim como outras levas de paulistas em direção ao interior das “minas dos cataguás”. É certo que o que hoje conhecemos como território de Caxambu estava na senda desses bandeirantes. Contudo, muito do que se ouve e se escreve sobre as suas origens pode ser creditado quase que exclusivamente à tradição oral, esta inquestionavelmente uma importante aliada no conhecimento que se quer formar sobre um determinado fato histórico. Exemplo disso é a denominação que se dá ao morro do Caxambu: o festejado monsenhor Lefort anotou em sua obra clássica⁵ que o “Cachambum” referido nas primeiras expedições que se aventuraram pelo sul das Gerais era outro e não aquele que hoje conhecemos, uma distinção que, aliás, não foi feita pelo historiador Diogo de Vasconcelos, na sua *História Antiga de Minas Gerais*, nem pelo padre Antonil, quando, discorrendo sobre o roteiro para as minas, informava, após transpor a Boa Vista (Pouso Alto), *...por ele se caminha com alegria, porque tem os olhos que ver e contemplar na perspectiva do Morro Caxambu, que se levanta às nuvens com admirável altura.*⁶

É fato que a palavra “caxambu” é encontrada sob as mais diversas significações e em Minas Gerais, em São Paulo e no Rio de Janeiro era comum tal designação para conformações geológicas idênticas àquela que temos na cidade de Caxambu. De acordo com diversos autores que escreveram sobre Caxambu, a designação mais aceita é aquela que considera a palavra originária de alguma língua ou dialeto africano e não contribuição linguística nativa, mesmo porque a sua elevação lembra a forma de um tambor africano.⁷ A explicação dada, por exemplo, por Maria de Lourdes Lemos parece ser definitiva, haja vista os estudos aprofundados que fez e que reproduziu em uma de suas obras.⁸



O morro do Caxambu⁹ (foto cedida por Ivon Pereira Pinto)

Relativamente à ocupação territorial da região, o monsenhor Lefort¹⁰ estabeleceu um interessante plano de colonização, referindo-se aos primeiros habitantes, todos de Baependi¹¹, mas ocupando terras da atual Caxambu: Isabel de Sousa, viúva de Carlos Pedroso que, após o falecimento do marido, retira-se para Baependi em 17 de agosto de 1720, residindo com a família na fazenda das terras do rio Verde, sendo ali os primeiros a se estabelecerem. Carlos Pedroso da Silveira nasceu em São Paulo em 1654 e foi procurador da coroa e fazenda real em 1705. Considerado um dos principais bandeirantes no primeiro período da conquista do ouro nas Minas Gerais, dele dizia-se ser um homem íntegro e por isso mesmo adquiriu vários inimigos poderosos, sendo assassinado em Taubaté em 17 de agosto de 1718.

Outros que também teriam pioneiramente ocupado aquela região: Manoel Nunes de Gouvêa (1726); Leonel da Silveira e Sousa, morador das margens do rio Baependi (1727); Ignácio Carlos da Silveira (1732); Helena da Silva, viúva de Manoel Moreira (1735) e João Alves Corrêa, casado e com família em Baependi (1738).

Em 13 de agosto de 1798, José Correia de Alvarenga solicitava concessão de carta de sesmaria da fazenda Caxambu, pertencente à então freguesia de Baependi. Da mesma forma e logo adiante, em 7 de fevereiro de 1799, seria a vez de Bernardo José Mendes fazer idêntica solicitação ao governo de Minas.

No limiar do século XIX, surge a figura do sargento-mor Joaquim Silveira de Castro Medronho e Maria de Lourdes Lemos anota que seria ele nessa época o proprietário da fazenda do Caxambu (ou da Glória)¹², contrariamente ao que entende o Dr. Diogo de Vasconcelos, que aponta o nome de João Baptista de

Carvalho. Em que pese à idoneidade do grande historiador mineiro, João Baptista de Carvalho, segundo registros do Arquivo Público Mineiro, teria recebido uma sesmaria em 17 de junho de 1711 no local denominado “Cachambum”.¹³ Existe, assim, uma diferença de quase um século entre uma doação e outra. Além disso, a denominação de morro do Caxambu, conforme anotamos anteriormente, aparecia em várias partes do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. No caso do sesmeiro João Baptista de Carvalho parece-nos ter ele recebido uma sesmaria na região mais central das Minas Gerais, pois havia um “caxambu” também nas proximidades da atual cidade de João Monlevade, ou, também, pode-se supor tenha sido na atual cidade de Bom Jardim de Minas, existindo ali, de igual sorte, um morro do Caxambu.

A realidade é que a origem de seus primeiros habitantes continua um mistério, tudo muito interessante e contraditório e chegamos, então, a um outro morador que para muitos leva o título de fundador de Caxambu - Estácio da Silva - e sobre isto algumas luzes foram lançadas quando da publicação da obra da já citada Maria de Lourdes Lemos, que realizou um minucioso estudo comparativo dos diversos autores - assim como H. Monat¹⁴ e Antonio Maurício Ferreira¹⁵, além do próprio monsenhor Lefort -, para estabelecer uma resposta segura sobre os primeiros tempos do município, inclusive sepultando de vez a informação de que teria sido Estácio da Silva o primeiro morador de Caxambu e demonstrando os equívocos anotados que falavam de terras de Caxambu *quando na realidade tratava-se de outro território: Conceição do Rio Verde*.¹⁶

O que se tem como certo é que as águas minerais foram um importante veículo para a formação da urbe e, aí sim, assinalamos os nomes de João Constantino Pereira Guimarães e Felício Germano de Oliveira Mafra como os primeiros povoadores da várzea caxambuense, em 1843, dando-se início, logo adiante, ao beneficiamento das “águas virtuosas”.

Em 16 de novembro de 1875 esse mesmo povoado seria elevado à condição de freguesia e à capela ali recém-construída foi dada a primazia de paróquia.

A freguesia foi elevada à condição de vila, com a criação do município, em 16 de setembro de 1901, objeto da Lei nº 319, desmembrando-se de Baependi e alcançando a condição de cidade por força da Lei nº 663, de 18 de setembro de 1915.

A descoberta das águas

Em 1814 surgiram notícias sobre as águas minerais consideradas miraculosas para alguns males físicos. A tradição oral sustenta que nesse ano existiam na localidade duas fazendas: uma de D. Luiza Francisca Sampaio – a fazenda

das Palmeiras – e outra de Joaquim Medronho – a fazenda do Caxambu. Isso deu ensejo, alguns anos depois, ao surgimento das primeiras edificações ao redor das mesmas, conferindo-se a João Constantino Pereira Guimarães a primazia de ter ali construído a primeira casa regular, daí porque se considera ter sido ele o fundador da vila.

O Dr. Henrique Monat¹⁷ dá-nos um panorama interessante sobre o que ali aconteceu em terras do sargento-mor Joaquim Silveira de Castro Souza Medronho – a fazenda do Caxambu (ou da Glória) -, mostrando o que pode ser lenda e o que pode ser considerado verdade, com base em documento deixado pelo Dr. Manoel Joaquim ao qual teve acesso por intercessão de um amigo de Baependi, o Dr. Oliveira Simões.

No ano de 1843 começa a surgir o povoado das Águas Virtuosas de Baependi, através de João Constantino Pereira Guimarães, um negociante português de Baependi que havia recebido uma importância em dinheiro de Antonio de Oliveira Arruda, da cidade de Barra Mansa, que tivera sua mulher curada de grave enfermidade com o uso das “águas santas”.

Logo adiante, em 1844, Felício Germano de Oliveira Mafra desbrava a mata, encontra 3 fontes e dá continuidade à obra de João Constantino, que se afastara do empreendimento. De acordo com o Dr. Henrique Monat, *depois de mil esforços, Mafra descobriu uma fonte, estaqueou-a, roçou o mato, fez sarjetas, esgotos, começou a canalizar o ribeirão, que alagava constantemente o brejo; construiu na fralda do morro perto do bosque um rancho de boas madeiras, para abrigar os operários e as pessoas, que durante o dia vinham de Baependi em procura da água.*¹⁸ É desse ano o descobrimento das atuais fontes D. Pedro, D. Isabel e D. Leopoldina.

No ano de 1849 visitaria as águas de Caxambu, pela primeira vez, o padre Correia de Almeida¹⁹, que aqui viera acompanhando um seu amigo que precisava curar-se de uma dispepsia, o padre Joaquim Camilho de Brito, vigário de Barbacena.

Em 1863, segundo João Constantino, o terreno do parque já estava limpo, *bem descortinado e esgotado, trilhos bem enxutos sobre o brejo para se chegar às três fontes, que havia então bem tampadas com tubos de taboa, jorrando-se por bicas de madeiras, de modo que bebia-se água limpa; outras fontes a ferver aqui e acolá, mas sem benefícios, por bastarem então outras beneficiadas.*²⁰



A igreja de Santa Isabel da Hungria (foto cedida por José Perez “Pepe” Gonzalez)

Fato que marca sensivelmente a história das águas minerais de Caxambu foi a presença, em 1868, da Princesa Isabel, que para ali fora a conselho de seu médico particular, o visconde de Santa Isabel, conhecedor das propriedades curativas das “águas virtuosas”. Chegou em 17 de novembro com seu esposo, o conde d’Eu, além de uma grande comitiva, atraída pela fama das águas para a cura de uma anemia que a tornava infértil. Por sua devoção à Santa Isabel da Hungria, fez criar uma subscrição de fundos necessários para a construção de uma capela em louvor à santa em um promontório do povoado, tendo lançado a pedra fundamental em 22 de novembro do mesmo ano, dando mostras de esperar um milagre com relação ao mal que a afligia.

É deveras instigante o tema, considerando-se que o primeiro rebento da princesa veio à luz em 15 de outubro de 1875: D. Pedro de Alcântara, príncipe do Grão-Pará, nasceu sete anos após a princesa hospedar-se em terras caxambuenses. Então, para muitos surgem indagações sem respostas: o tratamento foi continuado? As águas tiveram importância na gravidez da princesa? É um grande mistério. E a este tema acrescentamos uma observação do Prof. Renato de Souza Lopes em sua obra *Águas minerais do Brasil: Nas águas radioativas, ou seja, nas fontes de Caxambu, cresce a influência estimuladora da nutrição celular e sedativa do sistema nervoso, especialmente o simpático, ação estimulante das glândulas endócrinas, particularmente testicular e ovariana.*²¹

Significativos melhoramentos no local foram introduzidos a partir de 1886, quando foi concedida, por parte do governo provincial, a exploração das

águas minerais na então criada freguesia de Nossa Senhora dos Remédios de Caxambu.



Uma das primeiras entradas para as fontes (foto cedida por José Perez “Pepe” Gonzalez)

A hidroterapia

No ano de 1852 João Constantino, Teixeira Leal e José Nogueira associaram-se nessa que pode ser considerada a primeira empresa para exploração das águas; contudo só em 1886 organizou-se a Cia. das Águas Minerais de Caxambu sob a presidência do barão de Maciel²² e dirigida pelo Dr. Polycarpo Viotti e pelo coronel Alexandre Pinto.

No ano seguinte (1853), João Constantino faria uma casa de banhos sobre as fontes que brotavam no lugar ocupado hoje pela fonte D. Pedro.



A primeira casa de banhos (foto retirada da obra “Caxambu”, de H. Monat, p. 18)

No ano de 1868 foram aprovadas propostas que fizeram os cidadãos Carlos Theodoro de Bustamante, José Luiz da Silva Prado e José Ferreira Chaves, para comporem comissão encarregada de dirigir a conclusão das obras de um estabelecimento balneário em Caxambu, mediante instruções ministradas pelo engenheiro Horta Barbosa.

No dia 8 de janeiro de 1873 foi celebrado contrato entre o governo provincial de Minas Gerais e o visconde de Lage²³, o conselheiro Antonio Pereira Pinto e José Meireles Alves para o estabelecimento de um balneário em Caxambu, contrato este logo adiante rescindido. Nesse mesmo ano, uma comissão é designada pelo governo do Império para analisar as águas de Caxambu, resultando relatório em 1874, que atestou sua capacidade curativa. Tal comissão era integrada por pesquisadores de alto gabarito, integrantes da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro: Ezequiel Correia dos Santos, Agostinho José de Souza Lima e José Borges Ribeiro da Costa. Segundo o Dr. Henrique Monat, *é daí que começa verdadeiramente o período científico das águas de Caxambu.*²⁴

Em 1875 os direitos de exploração das águas foram abertos à iniciativa privada. É feita nova concessão aos mesmos contratantes de 1873: visconde de Lages, Dr. Antônio Pereira Pinto e José Meireles Alves Moreira. Contudo, também desta feita não conseguem realizar trabalhos na área e a concessão prescreveu em 1883.

No ano de 1881, mais precisamente em 25 de julho, foi acertado contrato do governo com o Dr. Vicente Maria de Paula Lacerda para a exploração das águas minerais, desistindo, no entanto, aquele engenheiro do privilégio concedido.

Em 1883 a concessão de exploração das águas é dada ao Dr. Saturnino Simplício de Salles Veiga que a cedeu ao Dr. Lavandeira, engenheiro, o qual, sem condições para organizar a companhia para explorá-la, vendeu seus direitos à Empresa que se organizou em 1884 tendo por presidente o barão de Maciel e por diretores Polycarpo Viotti e Antônio Penha de Andrade, segundo informações quase que contemporâneas do Dr. Monat.²⁵

Entre 1886 e 1890 foram feitas significativas obras no Parque, assim como captação de novas fontes, início da reforma do hidroterápico, além da retificação do ribeirão Bengo.

No dia 17 de janeiro de 1888 o Ministro dos Negócios do Império encarregou o Dr. Agostinho José de Souza Lima²⁶ para examinar as águas de Caxambu, no município de Baependi, e de Lambari, no município de Campanha.

Em 1890, no dia 26 de maio²⁷, o Dr. Saturnino de Salles Veiga vendeu a concessão das águas ao conselheiro Francisco de Paula Mayrink²⁸ pelo preço de 800:000\$000, sendo essa concessão de direitos aprovada pelo presidente do estado, João Pinheiro, em 26 de junho de 1890. Entre 1890 e 1905 realizaram-se também importantes obras, com a captação de novas fontes; a instalação do engarrafamento pelo processo da gaseificação, com gás extraído das próprias fontes.

Em 1892 chega a Caxambu uma comissão de químicos e clínicos indicados pela Academia Nacional de Medicina para atestarem as propriedades das águas minerais. Faziam parte da comitiva: João Batista Lacerda²⁹, César Diogo, Borges da Costa, Joaquim Pinto Portela³⁰ e Francisco de Castro. Nesse mesmo ano as águas minerais receberiam prêmio na Exposição Internacional de Chicago, Estados Unidos.

Em 1905 foi organizada uma nova empresa concessionária – Empresa das Águas Minerais Naturais de Caxambu –, da qual foram diretores João Martins da Silva, José Gomes, Octávio e Luiz Guimarães. Entre 1905 e 1920 foram realizados outros significativos empreendimentos no Parque: a construção do edifício do engarrafamento e toda a infraestrutura necessária; a construção do observatório meteorológico (na foto e hoje não mais existente); revestimento dos passeios laterais e gradeamento do ribeirão Bengo; drenagem, nivelamento, arborização, construção de modernas instalações sanitárias e captação das fontes Viotti e Mayrink.



O observatório (foto cedida por José Perez “Pepe” Gonzalez)

No ano de 1910, a Empresa de Lambari, Cambuquira e Caxambu recebe diploma de honra na *Exposition Universelle de Bruxelles*, pelas águas da Fonte Intermitente (Beleza). A estátua da Ninfa existente próxima à entrada do balneário foi doada ao parque na mesma época e pelos mesmos motivos da premiação.



A ninfa em sua primitiva localização. Hoje está mais à frente do balneário
(foto cedida por Ivon Pereira Pinto)

Em 1911 surge o primeiro laboratório de Pesquisa e Análises Químicas das Águas, pertencente ao Dr. R. Cadaval e que se localizava no próprio Parque das Águas. As águas minerais receberam premiação na Exposição Internacional de Turim, e em dezembro desse ano foi inaugurado o edifício de engarrafamento, projetado que fora pelo engenheiro Alfredo Burnier, o mesmo projetista, entre outros edifícios, do Mourisco no Rio de Janeiro.



O edifício do engarrafamento da água mineral (foto do autor)

No ano de 1913 dá-se o início da captação e construção da Fonte Viotti, que recebe este nome em homenagem ao Dr. Polycarpo Viotti, um dos iniciadores da crenoterapia no sul das Minas Gerais. No mesmo ano é lavrado contrato entre o Estado e a Empresa das Águas Minerais de Caxambu, com prazo de vigência até o ano de 1973. Segundo Antonio Maurício Ferreira *até 1943 a empresa foi gerida por Carlos de Figueiredo, Alfredo Guimarães e Álvaro Silva. A partir daí constituiu-se nova diretoria: Cylo da Gama Cruz, Caio da Gama Cruz e Carlos Azevedo, com a superintendência a cargo de Edmundo Pereira Dantas. É de justiça lembrar os ininterruptos serviços prestados às empresas desde 1886 até 1931 de Venâncio da Rocha Figueiredo.*³¹

Em 1916 dá-se o início da construção do atual hidroterápico que fora também projetado em 1912 pelo engenheiro francês Alfredo Burnier.



O hidroterápico na década de 1930 (foto cedida por José Perez “Pepe” Gonzalez)

Os crenólogos

As águas medicinais de Caxambu, desde o seu descobrimento, foram procuradas não só pela gente simples do povo, mas também por importantes personalidades, primeiro do Império, depois da República. Assim é que figuras como o duque de Caxias, a princesa Isabel, o conde D’Eu, Olavo Bilac, Teófilo Otoni, o marquês de Paraná, o visconde do Rio Branco, Mariano Procópio, Getúlio Vargas, deixaram seus nomes inscritos na história dessa estância hidromineral sul mineira. Dentre elas, anotamos também uma que, por suas palavras, deixou marcada para sempre a sua estadia em Caxambu, considerando-se que, por

aquilo que expressou sobre o Parque das Águas, fez com que dali se extraísse o dístico da bandeira caxambuense: “Medicina entre Flores”. Trata-se do grande jurisperito Rui Barbosa que visitou a cidade de Caxambu em algumas oportunidades. Na primeira delas, em 1919, deixou impressões significativas sobre o Parque das Águas, que considerava, pelas águas minerais curativas, uma verdadeira medicina entre flores: *Visitei, percorri, desfrutei por um mês, com admiração e encanto, o Parque das Águas, a organização de seu serviço, o sistema de exploração de seus produtos. É a medicina entre jardins de uma florescência deslumbrante. Minas ainda não percebeu todo o valor de sua joia. Quando a lapidar e engastar como ela pede, estas fontes de vida verterão luz, como as de estrelas, que vá falar bem longe, aos que sofrem, dos suaves privilégios deste torrão abençoado.*³²

Ao bem da verdade, essa “medicina” foi exercida durante anos, com dedicados e abnegados cultores da ciência médica, explorando todo o potencial hídrico de que era e é possuidor o Parque das Águas de Caxambu. Os médicos que trataram seus pacientes com a água mineral, no século XIX, podem muito bem ser considerados como os grandes nomes da medicina no Brasil, mesmo porque muitos, destituídos de maiores posses para a compra de equipamentos médicos e cirúrgicos, realizavam verdadeiros milagres, conforme mesmo constatou um importante crenólogo da época, o Dr. Henrique Monat, deixando-nos páginas memoráveis em sua obra a respeito da então Vila de Nossa Senhora dos Remédios e de suas “águas virtuosas”.

O estudo da Crenologia ocupa um lugar de destaque em diversos países europeus e um outro grande médico que clinicou em Caxambu, o Dr. Lysandro Carneiro Guimarães, assinalou com muita propriedade que *embora não dediquemos o devido apreço a esse problema, outros países empenham-se no desenvolvimento e aprimoramento de suas estâncias, não só administrativamente, mas também procurando elevar cada vez mais essa modalidade de cura, de acordo com as conquistas científicas de cada época. Não obstante, o nosso patrimônio é intenso e digno de melhor carinho.*³³

Vejamos agora aqueles médicos que, pioneiramente no Brasil, utilizaram as águas minerais como fonte de cura para as mais diversas enfermidades.

Manoel Joaquim

Manoel Joaquim Pereira de Magalhães nasceu em Aiuruoca em 29 de janeiro de 1814, filho do capitão de ordenanças Manuel Joaquim Pereira.

Formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1842, começou a sua atividade profissional no sul de Minas Gerais, tendo ali clinicado até o ano de 1902. Com a descoberta das águas minerais de Caxambu, dedicou-

se ao estudo da Crenologia e é considerado o pioneiro no emprego das águas minerais para a cura de diversas doenças.

Em 1874, uma publicação do Prof. Amaro Carlos Nogueira, informava que o Dr. Manoel Joaquim era *pele sul de Minas, reconhecido como um dos primeiros médicos do Império e como um dos homens de mais sólido e variado saber*.³⁴



O Dr. Manoel Joaquim (na foto retirada do livro do Dr. H. Monat) foi um contemporâneo da formação do povoado, e em 1861 apresentou à Assembleia Provincial de Minas Gerais proposta para a desapropriação das fontes das Águas Virtuosas, anotando em seus estudos os melhoramentos que deveriam ser feitos para a implantação de uma estância hidromineral, sendo aprovado um crédito de 4 contos de réis para desapropriação das fontes e do vale do Caxambu que pertenciam a João Constantino e Teixeira Leal. No entanto, conforme mesmo enfatiza o Dr. Monat em sua obra, feita a desapropriação, Caxambu ficou esquecida *por causa de um parecer desfavorável às águas, que apresentara ao governo o Sr. Dr. Martiniano Brandão*.³⁵

Novamente em 1868 o Dr. Manoel Joaquim retornou com os estudos perante o governo provincial de Minas Gerais para a melhoria no local onde se encontravam as águas minerais e, graças à sua perseverança e à influência do então inspetor de obras públicas, Dr. Carlos de Assis Figueiredo, é que a execução dos melhoramentos foi aprovada com o destaque de 20 contos de réis.

O Dr. Manoel Joaquim foi redator de *A Gazeta de Caxambu* e deputado provincial nos anos de 1848, 1864 e 1866, apresentando, inclusive, projetos de criação dos atuais municípios de Itajubá e Brazópolis.

Membro da Academia Imperial de Medicina, Manoel Joaquim também era músico e poeta. Informações constantes de seus biógrafos dizem que compusera uma valsa cuja partitura fora perdida e, mais tarde, seria registrada com o título de *Saudade de Ouro Preto*.

Casado em 1848 com Marianna Claudina de Magalhães Noronha, sua prima, foram pais de doze filhos entre os quais Ambrosina Elysa, que viria a ser esposa do Dr. Polycarpo Rodrigues Viotti.

Um dos seus biógrafos e parentes – Dario Abranches Viotti – relata que *de todos os meus ancestrais conhecidos, nenhum recebeu, ao nascer, tão completo conjunto de qualidades físicas e mentais. Nenhum mereceu tanto a qualificação de homem eugênico. Sua capacidade de trabalho se estendeu até 88 anos de idade. Foi calmo, alegre, sociável, hospitaleiro, generoso, de inteligência múltipla*.³⁶

Manoel Joaquim faleceu em Baependi no dia 13 de outubro de 1902.

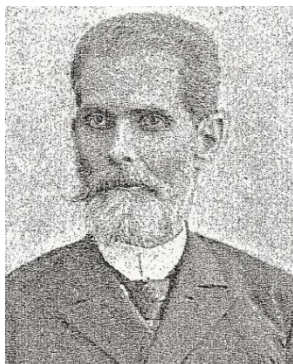
Doutor Viotti³⁷

Polycarpo Rodrigues Viotti, médico, político, homem afeito à benemerência na Caxambu do passado; sua visão com relação ao tratamento com as águas minerais deve ser sempre lembrada, não fosse ele um dos fundadores da primeira empresa de comercialização das águas minerais de Caxambu, no ano de 1886, e um dos iniciadores da Crenoterapia no Brasil.

Autor de uma obra inigualável sobre as propriedades das águas minerais – *Águas alcalino-gasosas do sul de Minas – seus efeitos fisiológicos e terapêuticos* -, apresentado em importante congresso na cidade de São Paulo, em 1908, o Dr. Viotti (na foto retirada do livro do Dr. H. Monat) e publicado no ano de 1918.

Nascido em 21 de junho de 1843 em Baependi, filho de Francisco Viotti e de Izabel Caetana de Faria Rodrigues, colou grau em 1871 na Faculdade de Medicina da antiga Universidade do Brasil (hoje UFRJ). No último ano do curso foi convidado a integrar uma equipe de médicos para o combate à febre amarela na Argentina.

Retornando ao Brasil, clinicou em Vassouras e em Paraíba do Sul, cidade



de na qual, juntamente com Aristides Lobo e Leopoldo Teixeira Leite, fundou um clube republicano. Casou-se com Ambrosina Elysa Noronha de Magalhães, em 11 de janeiro de 1873. Ambrosina era filha de Manoel Joaquim Pereira de Magalhães e de Marianna Claudina de Noronha Magalhães. Alexina Sá lembra em seu livro que o Dr. Viotti sempre dizia com naturalidade: *o médico da roça não pode ter especialidade; tem o dever de saber tudo!*³⁸, referindo-se ao seu ecletismo no trato com a Medicina, variando de obstetra a cirurgião.

Retornando a Caxambu em 1879, ali também fundaria um clube republicano em parceria com Amador Cobra e Antero de Magalhães, culminando sua atuação comunitária, inclusive, com a formação e direção da Empresa das Águas Minerais de Caxambu e Contendas, em 1886.

Residiu algum tempo fora de Caxambu: em Monte Santo, de 1893 a 1895; retornou a Caxambu e aí clinicou até o ano de 1899, transferindo-se para a cidade de São Paulo, onde residiu até 1903.

Nesse interregno, foi deputado federal constituinte e ocupou, de 1891 a 1893, a Vice-Presidência da Câmara dos Deputados. Em 1904, a convite do então presidente de Minas Gerais, Francisco Sales, deveria ter assumido a prefeitura municipal de Poços de Caldas, mas declinou do convite e retornou para

Caxambu, onde participou, inclusive, de seu Conselho Deliberativo (atual Câmara de Vereadores). Integrante do Partido Republicano Mineiro (PRM), atuou intensamente na campanha eleitoral de Rui Barbosa para a presidência da República, em 1909.

Polycarpo Viotti colaborou com inúmeros jornais no Brasil, dando-se mais destaque para *A Província de São Paulo* (atual *Estado de S. Paulo*) e *O Pharol*, da cidade de Juiz de Fora. O Dr. Viotti é patrono da cadeira nº 40, da Academia Sul Mineira de Letras e da cadeira nº 26, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

Beirando os 85 anos de idade, faleceu em Caxambu no dia 22 de maio de 1928.

Doutor Enout

Antonino Polycarpo de Meireles Enout nasceu em Baependi em 21 de junho de 1845. Filho de Nicolau Magloire Enout e de Mariana Cesarina de Oliveira Meireles.

Da numerosa e importante família Enout, Nicolau foi o primeiro a chegar ao Brasil: era artista e veio com a Missão Artística Francesa, em 1816. Nasceu em Rouen, em 1782 e, após a prestação de serviços ao governo brasileiro, radicou-se em Baependi, em 1822, casando-se, em 29 de junho de 1829 com Mariana, esta nascida em Diamantina no ano de 1812. Nicolau Enout faleceu em Baependi em 2 de julho de 1852.

Antonino Enout iniciou seus estudos no Colégio do Cônego Luiz, em Baependi, que funcionava na chácara de Manoel Constantino. Contando 17 anos de idade, seguiu para o Rio de Janeiro tendo continuado seus estudos no Colégio São Bento, preparando-se para ingressar na Faculdade de Medicina daquela cidade. Ali colou grau em 9 de janeiro de 1872.

Retornando ao sul de Minas, casou-se em 10 de outubro de 1874 com Maria Pulquéria de Figueiredo Rezende, nascida em Três Corações, em 7 de julho de 1858, ela filha de Estevam Ribeiro de Rezende e de Porcina Branquinho Figueiredo. O casal teve 14 filhos. Maria Pulquéria faleceu em 5 de julho de 1918 em Caxambu e o Dr. Enout contraiu segundas núpcias com uma das filhas (Zilah Pecegueiro do Amaral, nascida em 1903) do Dr. Tibúrcio Valeriano Pecegueiro do Amaral, catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que era casado com Amália Júlia do Espírito Santo.

Clinicou em Caxambu e em Cruzília, única ocasião em que saiu de Caxambu, em 23 de novembro de 1902, ficando até a mesma data do ano seguinte. Foi presidente do então Conselho Distrital de Caxambu, na década de 1890.

Em 1891, numa iniciativa do Dr. Enout e do engenheiro Paulo Alves, chegavam os trilhos da Estrada de Ferro Sapucaí, ligando Soledade de Minas a Caxambu, mais precisamente no dia 15 de março desse ano. Finalizou-se ali um entendimento iniciado por determinação da Lei provincial nº 3.345, de 9 de outubro de 1885. A estação ferroviária (foto a seguir) foi construída nesse mesmo ano e demolida em 1948 para a construção de uma mais moderna, onde hoje está localizada a rodoviária de Caxambu. A estrada de ferro em Caxambu foi desativada no início da década de 1970.



A antiga estação de Caxambu

O Dr. Enout era proprietário de uma chácara onde hoje está localizado o Clube Recreativo Atlético Caxambuense, chácara esta que foi trocada, posteriormente, com o CRAC por um terreno existente na Av. Camilo Soares.

Alexina Sá, uma das cronistas de Caxambu, conheceu o Dr. Enout e, em sua obra, assim retratou tal personagem: *Era um tipo singular. Como médico, deveria ser sociável e acessível, entretanto era esquivo e fugidio ao contato social. Morava na chácara das deliciosas jabuticabas e laranjas cocas, doces como mel. D. Maria, sua mulher e mãe desvelada, dedicava-se toda aos seus quatorze filhos que constituíam a sua felicidade.*³⁹

O Dr. Enout faleceu na cidade de Três Corações em 19 de março de 1940, contando 94 anos de idade.

Doutor Henrique Monat

Henrique Alexandre Monat nasceu em Salvador no dia 6 de junho de 1855, filho de Henri Honoré Monat e de Flávia de Borja Castro Monat. Em Pa-

ris, no Liceu Bonaparte, fez estudos desde a primeira infância. Retornando ao Brasil, iniciou os estudos médicos na Bahia, passou um tempo no Rio de Janeiro e colou grau em 1879 em Salvador. Mudando-se para a cidade do Rio de Janeiro, começou o exercício da profissão como preparador de Anatomia Descritiva da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A par de sua profissão, também fez concurso para a cadeira de Língua Francesa do Colégio Pedro II, sendo para tal cátedra nomeado em 10 de abril de 1900.

Dentre os trabalhos que publicou fora do exercício da Medicina, são mais conhecidos do grande público o *Método Prático de Francês*, *Caxambu* e *Estudo Sobre Sinônimos, Parônimos e Antônimos*.

No campo da ciência médica, podemos citar publicações que o fizeram especialista em pesquisas com águas minerais: *Anatomia patológica, tratamento radical da hidrocele* (1889); *Tratamento dos estreitamentos da uretra* (1890); *Cálculo renal, duas pedras na bexiga, uma porção prostática da uretra; Cistite – fístulas urinárias – talha – extirpação das fístulas* (1892); *Moléstias das vias urinárias – cistite tuberculosa – cistotomia* (1892). Existe um invento de sua autoria para operações da uretra, invento este que foi largamente utilizado na época, inclusive no Hospital Necker, em Paris.

Em 1886 foi um dos fundadores da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Monat também foi membro da Academia Nacional de Medicina. Durante algum tempo exerceu a função de redator da Revista da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Casou-se com Maria del Carmen Nolle Torre Monat, na cidade de Santos e da união nasceram três filhas.

Henrique Monat chegou a Caxambu no ano de 1894 e a sua obra-prima sobre a cidade – *Caxambu* - demonstra um conhecimento fantástico que detinha sobre as águas minerais, mesmo porque foi para estudá-las que se deslocou do Rio de Janeiro, seguindo de trem, numa verdadeira aventura que foi em sua obra contada com detalhes que chegam às raias da comicidade, não fosse ele um homem extremamente sério e compenetrado em suas ações.

O texto de Henrique Monat é um chamado significativo para o começo da urbe. E, mais ainda, foi contemporâneo daquela formação, e pode constatar, *ipso facto*, a verdadeira face de um aglomerado de casebres, ruas as mais precárias possíveis, um incipiente comércio e uma “mina de ouro” regurgitando sob o solo caxambuense. Relatou, com intensa emoção, as curas praticadas com o uso constante e correto desse ou daquele tipo de água que, diga-se de passagem, à época não eram tantas, ou melhor, ainda não tinham aflorado da forma como hoje as conhecemos. O Dr. Monat foi uma testemunha ocular na formação de Caxambu, lembrando passagens de personagens que formaram a sua história: João Constantino, Manoel Joaquim, o conselheiro Mayrink, Teixeira Leal e tantos outros.

Foi o grande predecessor daqueles que escreveram sobre Caxambu. Suas anotações sobre a cidade, sua gente, seus costumes e, principalmente, as propriedades curativas das águas minerais, serviram como pilares para outros que também deram a sua contribuição literária sobre essa belíssima cidade.

Escrevendo com simplicidade, sem grandes rebuscamentos literários, forneceu-nos páginas memoráveis sobre o panorama da então Vila de Nossa Senhora dos Remédios, sendo contemporâneo de sua elevação à categoria de município no ano de 1901.

O Dr. Monat faleceu na cidade do Rio de Janeiro no dia 3 de fevereiro de 1903.

Laudos científicos

Atraídos pela fama curativa das águas minerais, não só de Caxambu como de todo o quadrilátero das águas do sul mineiro, especialistas os mais diversos foram enviados para testarem as qualidades de cada uma das fontes até então existentes. Não só brasileiros, como também estrangeiros, forneceram laudos definitivos sobre suas propriedades terapêuticas, responsáveis por colóquios, simpósios e congressos para as mais exigentes plateias do Rio de Janeiro e de São Paulo. Aqui anotamos alguns para se comprovar a veracidade na utilização das águas minerais como veículo de cura para diversas enfermidades.

No dia 4 de dezembro de 1868, o Dr. Barboza da Veiga apresentava o seu relatório sobre as águas minerais de Caxambu: *Examinando a fonte de água férrea sulfurosa, existente nesta situação, reconheci nela o gás ácido Carbônico, parte carbonato de ferro e o ácido hidrosulfúrico. O cheiro dos ovos podres não é muito sensível ao olfato, como acontece com as águas termais de Caldas; mas ele comunica ao paladar o sabor pronunciado dos ovos chocos. Além disto, a presença do ferro torna-se saliente pelo sabor estíptico que apresenta, mineralizando-a. Depositada por algum tempo, nota-se o desprendimento do ácido carbônico, que fica aderente ao vaso em forma de pequenas bolhas, o que igualmente se vê nas águas virtuosas da Campanha. Esta água é de grande proveito nas moléstias uterinas, nas menstruações difíceis etc., devem, porém, ser tomadas com método. Nas moléstias do fígado são também preconizadas, sendo igualmente tomadas com prudência. Sou da opinião que convém conservar a fonte no seu estado primitivo. Qualquer melhoramento pode deteriorá-la.*⁴⁰

Em 1888 o emérito professor de Medicina Legal, conselheiro Souza Lima, apresentava o seu laudo sobre as propriedades das águas minerais de Caxambu, atendendo a uma determinação do governo imperial. Sobre elas disse que as curas de algumas afecções cutâneas, não obstante a ausência do enxofre nas águas minerais alcalinas, tinham sua sanção prática confirmada por obser-

*vações feitas nas águas de Vichy, enquanto que eram contraindicadas as sulfurosas para certas dermatoses, como os eczemas úmidos, ilustrando sua asserção com o juízo de dois conspícuos especialistas, Constantin James e Hebra.*⁴¹

E fazendo um paralelo entre as águas minerais de Caxambu com as encontradas em conhecidas estações hidroterápicas europeias, que garantem por seus aspectos a cura para aqueles que as procuram, o Dr. Souza Lima anota que da mesma forma que naquelas estâncias, também Caxambu deveria ser *dotada de instalações modernas: os institutos de ginástica mecânica, as instalações hidroterápicas e de massagens, os banhos de lama, de ácido carbônico, as instalações simples e de oxigênio.*⁴²

No dia 27 de maio de 1900 saíria o laudo do bacteriologista alemão, G. Weiss, dado em Hamburgo, a respeito da água da fonte D. Pedro: *Conquanto não se possa qualificar de esterilizada nenhuma das garrafas da água, bem como sua composição, não contém princípios nocivos. Conclui-se mais dos resultados obtidos que a água provém de fonte natural, razão pela qual poderá prestar bons serviços aos doentes. Como, porém, o modo de empregar as águas minerais varia conforme a moléstia e a constituição do doente, é indispensável consultar para cada caso um médico competente, único capaz de resolver essa questão. Também, em virtude da grande quantidade de ácido carbônico contido, esta água recomenda-se como excelente água de mesa.*⁴³

Conclusão

O sistema básico da terapêutica hidromineral, desde tempos remotos, esteve associado ao empirismo, ao lado das crendices mitológicas. Quando ainda faltava a razão de ser científica, as doutrinas mais aceitas regulavam o seu emprego, aproveitando-se as “misteriosas” virtudes das variadas fontes, espalhadas pelo mundo, na recuperação de organismos enfermos.

A passagem dos séculos, trazendo novas luzes ao conhecimento científico e a continuidade da observação, tendo a auxiliá-la a própria ciência, em seus diversos ramos, veio pouco a pouco desvendando o porquê dos efeitos encontrados, racionalizando, paulatinamente, as antigas crenças, sobrepondo-se a razão da química moderna nas análises determinantes da existência de sais e bases nas águas minerais.

Por outro lado, e símbolo de um grande progresso, à medida que a magia e a religiosidade foram extirpadas dos serviços de cura com as águas minerais, *erguiam-se monumentais balneários modernos confiados na crença médica generalizada acerca das virtudes naturais das águas, desde que racional e positivamente prognosticadas.*⁴⁴



O atual balneário de Caxambu (foto do autor)

Em toda a Europa, a quantidade de fontes existentes em suas regiões sofreu uma investigação diuturna dos cientistas, dissociando a água em seus diversos componentes minerais, estudando, com cuidado, a complexidade de sua forma, investigando os seus modos de ação e as reações que poderiam se operar nos organismos doentes.

Interna e externamente, as águas minerais encontraram aplicações, através de múltiplas formas, concorrendo sempre para benefício da humanidade e no sul das Minas Gerais, em particular, esse benefício foi e vem sendo constatado com a utilização dessas águas para as mais variadas patologias.

O estudo desses cientistas – e de sua “arte” - apontados no artigo deve sempre ser lembrado e reverenciado, pois, sem dúvida, numa época não muito distante, o homem estará definitivamente convencido de que a cura para os seus males provém, essencialmente, da natureza.

Notas

- ¹ *A água mineral e as termas*, p. 247.
- ² *Idem*, p. 248.
- ³ *As águas minerais do Brasil*, p. 98.
- ⁴ *Pouso Alto, sua gente e sua história (1692-2002)*.
- ⁵ *A diocese de Campanha*.

- ⁶ *Cultura e opulência do Brasil*, p. 286.
- ⁷ Até mesmo o embaixador do Paraguai no Brasil, Sr. H. Sánchez Quell, em 1957, tentou aventurar-se na discussão semântica, assegurando que a palavra derivava do guarani e que seria mais ou menos idêntica ao tupi: caá – umbu = murmúrio da selva. Informações constantes da revista *Fontes da vida*, p. 6.
- ⁸ *Caxambu: de Água Santa a patrimônio da humanidade*, p. 21-22.
- ⁹ Tombado pelo Patrimônio Artístico e Cultural de Minas Gerais em 1988.
- ¹⁰ Obra citada, p. 118.
- ¹¹ Em 19 de julho de 1814 Baependi desmembrava-se de Campanha e seria elevada à condição de vila e município, tendo Caxambu como povoado das Águas Virtuosas de Baependi, que viria a ser emancipada em 16 de setembro de 1901.
- ¹² Obra citada.
- ¹³ Revista do Arquivo Público Mineiro, II, abr/jun de 1897, p. 268.
- ¹⁴ *Caxambu*.
- ¹⁵ *Às margens do Bengo*.
- ¹⁶ Obra citada, p. 23.
- ¹⁷ Obra citada.
- ¹⁸ Obra citada, p. 5-6.
- ¹⁹ José Joaquim Correia de Almeida, que dá nome a um dos educandários de Caxambu, nasceu em Barbacena em 4 de setembro de 1820, filho do major Fernando José de Almeida. Concluiu seus estudos em São João Del-Rey e passou, a partir de 1841, a lecionar latim nas escolas de Barbacena. Participou ativamente da Revolução de 1842, sendo responsável pela impressão da proclamação do presidente interino da província – José Feliciano Pinto Coelho da Cunha – que fora aclamado pelos revoltosos de Minas Gerais. Foi sagrado padre em 3 de março de 1844. Era sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, desde 1894. Publicou, ao todo, 23 livros, tendo grande influência da Arcádia Mineira e, segundo Camilo Castelo Branco, uma personalidade comparável a Gregório de Matos, dadas, principalmente, as suas poesias satíricas. Patrono da cadeira nº 19, da Academia Mineira de Letras. Faleceu em Barbacena em 6 de abril de 1905.
- ²⁰ Citado por H. Monat in *Caxambu*, p. 7.
- ²¹ Citado por Lysandro Guimarães in *Fontes da vida*, p. 53.
- ²² Justo Domingues Maciel, nascido em Baependi em 1837 e falecido em São Paulo em 1900.
- ²³ Alexandre Vieira de Carvalho, nascido no Rio Grande do Sul em 21 de fevereiro de 1817 e falecido em 11 de dezembro de 1876. Por seis vezes foi ministro de estado e por cinco vezes ministro da guerra. Comandante militar e diretor da Colônia de Friburgo.
- ²⁴ Obra citada, p. 10.

- ²⁵ Obra citada.
- ²⁶ Membro Titular da Academia Imperial de Medicina. Presidente daquela Academia em 1883/1889 e da Academia Nacional de Medicina em 1896/1897 e 1900/1901. Professor Catedrático de Medicina Legal e Toxicologia na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (atual UFRJ) e da Faculdade de Direito.
- ²⁷ Francisco de Paula Mayrink Lessa, em sua obra, fala em 2 de fevereiro.
- ²⁸ O conselheiro Mayrink foi um administrador de significativa importância para Caxambu, pois além de remodelar o Parque das Águas também contribuiu em muito para o desenvolvimento de vários negócios na cidade e no Brasil: fora administrador da E. F. Sorocabana e presidente do Banco dos Estados Unidos do Brasil, a pedido de Rui Barbosa, então ministro da Fazenda. Lendo as crônicas de Alexina Sá, pude constatar o carinho que os caxambuenses tinham pela família Mayrink, principalmente pela esposa do conselheiro, D. Maria José Paranhos, carinhosamente conhecida como D. Maricota.
- ²⁹ João Batista de Lacerda foi Presidente da Academia Nacional de Medicina em 1893/1895. Fisiologista, pesquisador, estudioso dos ofídios, batráquios e plantas do Brasil. Fundador e Diretor do Laboratório de Fisiologia Experimental. Diretor do Museu Nacional durante 40 anos.
- ³⁰ Joaquim Pinto Portela foi Presidente da Academia de Medicina em 1903/1905. Cirurgião do Hospital Geral da Santa Casa de Misericórdia e da Beneficência Portuguesa.
- ³¹ Obra citada, p. 20. Uma das fontes que seriam posteriormente captadas receberia o nome de fonte Venâncio, numa homenagem a esse personagem que trabalhou incansavelmente na captação e conservação das águas minerais de Caxambu.
- ³² Citado por Antonio Maurício Ferreira, *op. cit.*, p. 11
- ³³ In *Fontes da vida*, p. 51.
- ³⁴ Citado por Dario Abranches Viotti, in *Um pioneiro da Medicina em Minas Gerais*.
- ³⁵ *Caxambu*, p. 18.
- ³⁶ Obra citada.
- ³⁷ Algumas informações aqui relatadas foram a mim passadas pelo Prof. Dr. Octávio Verri, de Ribeirão Preto.
- ³⁸ *Caxambu de ontem e de hoje*, p. 47.
- ³⁹ Obra citada, p. 49.
- ⁴⁰ Citado por Fulgêncio de Castro in *Guia para viagem às águas medicinais de Caxambu*, p. 39.
- ⁴¹ Citado por Pádua Rezende in *As águas minerais do Brasil*, p. 53.
- ⁴² Idem, p. 54.
- ⁴³ Idem, p. 42.
- ⁴⁴ Citado por Stélio Marras in *A propósito de águas virtuosas*, p. 285.

Bibliografia

- ALVIM, Thomaz de. **Alô...Caxambu! Impressões de um veranista calouro**. Rio de Janeiro: Cia. Brasileira de Artes Gráficas, 1944.
- ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1966.
- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Collecção das leis, resoluções e regulamentos da província de Minas Gerais**. 1875 a 1913.
- BARMAN, Roderick J. **Princesa Isabel do Brasil, gênero e poder no século XIX**. São Paulo: Unesp, 2005.
- CASTRO, Fulgêncio de. **Guia para uma viagem às águas medicinais de Caxambu, província de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Hipólito José Pinto, 1873.
- FERREIRA, Antonio Maurício. **Às margens do Bengo**. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1956.
- FERREIRA, Antonio Maurício, GUIMARÃES, Lysandro Carneiro. **Fontes da vida**. Julho de 1962.
- GONÇALVES, Orestes Campos. **Baependy (cidades vizinhas, escolas, biografias e estórias)**. 2. ed. Belo Horizonte: se, 2006.
- JUNQUEIRA, Leonel. **Pouso Alto, sua gente e sua história (1692-2002)**. 2.ed. Varginha: Gráfica Varginha, 2002.
- LEFORT, José do Patrocínio, mons. **A diocese da Campanha**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1993.
- LEMONS, Maria de Lourdes. **Fontes e encantos de Caxambu**. Rio de Janeiro: Grypho, 1998.
- _____. **Caxambu: de Água Santa a patrimônio estadual**. Rio de Janeiro: Maria de Lourdes Lemos Editora, 2007.
- LESSA, Francisco de Paula Mayrink. **Vida e obra do Conselheiro Mayrink**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1975.
- LIVROS DE REGISTROS DE SEPULTAMENTOS da paróquia de Nossa Senhora dos Remédios de Caxambu. Livros 1 a 8.
- MARRAS, Stélio. **A propósito de águas virtuosas: formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- MONAT, Henrique. **Caxambu**. Rio de Janeiro: Luiz Macedo, 1894.
- MOURÃO, Benedictus Mário, **A água mineral e as termas: uma história milenar**. São Paulo: ABINAM, 1997.
- PARANHOS, Paulo. **Terras Altas da Mantiqueira: caminho do ouro das Minas Gerais**. Rio de Janeiro:Verbete, 2005.
- _____. **Nas minas do sul das Gerais**. São Lourenço: Novo Mundo, 2012.
- _____. **Pelos caminhos de Caxambu: a história dos personagens que deram nome às ruas da cidade**. São Lourenço: Novo Mundo, 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXAMBU. **Cincoentenário de Caxambu – cidade jardim (1901-1951)**. Rio de Janeiro: IBGE, 1951.

REZENDE, Pádua. **As águas minerais do Brasil**. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense, 1924.

SÁ, Alexina. **Caxambu de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1957.

SERRA, Silvia Helena. **Águas minerais do Brasil**. Campinas: Millenium, 2009.

VEIGA, José Pedro Xavier da. **Ephemerides mineiras (1664-1897)**. Belo Horizonte: se. 1926.

VIOTTI, Dario Abranches. **Um pioneiro da Medicina em Minas Gerais**. Snt.

www.familiaviotti.com acesso em 14 de setembro de 2012.

www.projeto compartilhar.org, acessado em 8 de dezembro de 2012.

* Historiador.